

PEREIRA, J.E. Rocha. Trovas, sim. Correio Popular, Campinas, 27 abr. 1960.

## TROVAS, SIM

*Correio Popular*

J. E. Rocha Pereira

27.4.60

Fernandes Soares, ilustre dirigente dos dois programas literários da Rádio Gazeta de São Paulo revelou há pouco tempo sua tendência decidida para a poesia ao dizer-nos de vários trabalhos em preparo e ao oferecer-nos o volume do "Cancioneiro da Saudade" composto de 97 trovas.

Não seria justo deixar de fazer referência a uma produção como esta que primariamente tem o valor fundamental dividido em dois aspectos: em primeiro lugar a significação de mais um bando dos poucos que se dedicam à trova em nosso país; em segundo lugar a excelência de suas produções traduzidas de uma sensibilidade muito nossa muito brasileira, e, sobretudo, muito bem transportada para os versos.

O estudo da trova e em si, um autêntico paradoxo. Ninguém poder dizer que encontra a mesma facilidade em

comentar ou em ler uma ou mais trovas. Luís Otávio em seu estudo "Meus Irmãos, Os Trovadores" (Casa Editora Vecchi, Rio, 1956) acentua que pouco ou quase nada se tem escrito sobre a trova, e, em virtude disso inúmeras dificuldades advêm para os que desejam emitir qualquer apreciação sobre qualquer trabalho desse delicado gênero poético.

Com efeito, verificando-se que as quadras são escritas aos milhares, são recitadas por milhares de pessoas, são publicadas em milhares de jornais e revistas, nunca, ou raramente se ouve dizer que um estudioso mais obsecado reuniu trabalhos espargos, classificou-os segundo uma hierarquia de valor poético pré-determinada, e inclusive publicou-os em livros. Com relação a esta parte, Luís Otávio merece as referências

elogiosas que muitas vezes lhe tem sido feitas.

Afrânio Peixoto, em "Trovas Brasileiras" (Rio, Alves, 1919), uma experiência mais antiga sobre o assunto, também ressalta o diletantismo a que se viram relegadas as tentativas de um trabalho objetivo.

Muitas obras além dessas atrás citadas, seriam de necessária consulta para que pudessemos comentar "Cancioneiro da Saudade" e nosso esforço em tal sentido não foi coroado de êxito integral pois produções neste sentido são raridades em qualquer biblioteca.

Mas Fernandes Soares deixou transparecer não só os recursos amplos de que dispõe para manusear o verso, mas fez também a trova segundo sua exata técnica, isto é, de um estudo de compilação de obras as mais diversas, como provam as características clássicas de seu trabalho de trovador.

Fernandes Soares canta a saudade, "grande tentação dos poetas que, ativamente, vivem dentro dela", segundo a expressão de Menotti del Picchia; canta a saudade, definindo-a maravilhosamente em duas de suas quadras, juntamente a que abre e a encerra o volume:

"Saudade, velha canção,  
Saudade, sombra de alguém,  
que os tempos só levarão,  
se me levarem também".

Mas o fecho do livro é a afirmação final do estro de Fernandes Soares:

"Saudade, prece de amor,  
funda raiz do lamento,  
sete azas do pensamento  
conduzindo a nossa dor".

E as imagens em que se baseia a saudade de Fernandes Soares são bem cuidadas, inclusive revelando, como foi dito de início, um profundo sentimento de brasilidade. A palmeira é, dessa forma, símbolo da saudade brasileira, como também são elementos de brasilidade as rosas do campo, a estaçãozinha, a flor de maracujá, a mangueira. A coerência estética do autor com relação ao objeto de suas trovas é, por outro lado, um reforço de grande valia; por se tratar de um elemento de abstração, implicando na total ausência de quaisquer indícios material, não oferece base de descrição em face da visualidade, mas permite unicamente ser sentida interiormente. A materialização da saudade que Fernandes Soares realizou, possibilitou entrever que ele é de fato um poeta, no sentido amplo do vocábulo, e que sua sensibilidade não só facultou uma obra como o "Cancioneiro da Saudade", como continuará se estendendo em obras que prometem. Vamos esperar por "Rosa do Mar", "Rosário de Nossa Senhora" e "Poemas de Amor".